

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A PROPÓSITO DO HISTORISK-ARKEOLOGISK FORSOGSCENTER NA DINAMARCA.

JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira

Ano: 1969 | Número: 79

Como citar este documento:

JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira, A Propósito do Historisk-Arkeologisk Forsogscenter na Dinamarca. *Revista de Guimarães*, 79 (3-4) Jul.-Dez. 1969, p. 235-250.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A propósito do *Historisk-Arkæologisk Forsøgscenter* na Dinamarca ⁽¹⁾

Por VÍTOR MANUEL DE OLIVEIRA JORGE

ao Dr. Eduardo da Cunha Serrão, Mestre e Amigo

RESUMO

O presente artigo, que teve a sua génese num conjunto de apontamentos de viagem, divide-se em três partes: na primeira diz-se em que consiste e quais são os fins do método da tecnologia experimental em arqueologia, e explicita-se os aspectos positivos e negativos da sua utilização até ao actual momento, especialmente com base em textos de alguns autores. Na segunda, aborda-se em traços muito gerais o problema da ressonância pública das ciências, defendendo-se, no caso particular das chamadas ciências humanas, a necessidade de uma orientação no sentido da síntese, quer como programa de pesquisa, quer como momento final desta, quer ainda como matéria de divulgação. Numa terceira funde-se, por assim dizer, as preocupações esboçadas nas duas alíneas anteriores num exemplo concreto: um instituto dinamarquês de pesquisa histórica e arqueológica, o *Historisk-Arkæologisk Forsøgscenter*, e expõe-se a actividade que lhe deu origem e o consolidou na sua importância.

Apontou Gordon Childe, num esquema que se tornou clássico, a tríplice base da classificação arqueológica; e definiu, em primeiro lugar, a classificação funcional

(1) O primeiro texto com este título, cuja estrutura se mantém, foi apresentado ao V.º *Colóquio Portuense de Arqueologia*, Porto, 17-20 de Novembro de 1966.

como a determinação de como dada peça «era usada e para que servia, numa palavra, a função que desempenhava na vida da sociedade que a fez e a usou.» (1).

Ora tem-se verificado últimamente um importante incremento no estudo das funções dos artefactos arqueológicos, estudo que utiliza hoje três métodos fundamentais e complementares: por paralelos etnográficos; pela experiência, ou seja, pelo método que designamos da tecnologia experimental; pelos traços de manufactura e uso (este último desenvolvido e divulgado pelo cientista russo S. A. Semenov). Estas linhas, considerando especialmente o caso da pré-história, incidirão sobre o método da tecnologia experimental. Por tal entende-se a preparação pelo arqueólogo, «com as suas próprias mãos», de antigos instrumentos ou quaisquer artefactos, com a finalidade de «pela experiência, não só atestar a sua eficácia e resistência no trabalho, mas também descobrir as funções que desempenharam nas mãos do homem primitivo» — são palavras de Semenov (2). «Experiência directa» (Semenov) (3) ou «experiência imitativa» (Ole Hansen), são outras expressões utilizáveis para designar este método. Hans-Ole Hansen, arqueológico dinamarquês de quem voltaremos a falar, define a «experiência imitativa» como a realização da «própria situação, em que um processo de factores condicionantes interligados de origens humanas e naturais afecta um ou vários objectos experimentais, obtidos por cópia ou reconstituição de um objecto original.» (4)

O método da tecnologia experimental não é novo. Antes pelo contrário, segundo nos dá conta Semenov, foi utilizado desde Boucher de Perthes, por Evans, E. Lartet, G. de Mortillet, L. Capitan, L. Leguay, E. Piette, A. Vayson de Pradenne, L. Pfeiffer, V. A. Gorodtsov «e muitos outros», que «pelos meios da experiência efectiva atingiram soluções para problemas desta natureza num maior ou menor grau, crendo ser este o mais simples e directo modo de o fazer». Além disso — escreve também

(1) V. Gordon Childe, *Introdução à Arqueologia*, p. 30.

(2) S. A. Semenov, *Prehistoric Technology*, p. 1.

(3) Op. cit., p. 2.

(4) Em carta dirigida ao autor, de 20.10.1966.

aquele cientista — «o trabalho experimental no estudo da maior parte das antigas técnicas de trabalho da pedra continuou mais recentemente através dos esforços de estudiosos como: L. Coutier, F. Bordes, A. Barnes, D. Baden-Powell, J. Reid Moir, F. Nowells, e L. Leakey. Vários deles levaram a efeito experiências durante muitos anos. Foi realizado um filme sobre o trabalho de L. Coutier» (1). Entre os citados, seja-nos permitido destacar a acção do Prof. François Bordes, sem dúvida um dos maiores especialistas contemporâneos da tecnologia primitiva, que escreve, referindo-se ao Paleolítico e articulando o método de que estamos tratando com o estabelecimento de uma tipologia: «Assim como a estratigrafia continua a ser a base da cronologia paleolítica, a tipologia deve permanecer na base de qualquer estudo de indústrias. A *tipologia* é a ciência que permite definir, reconhecer e classificar as diferentes variedades de utensílios que se encontram nas jazidas pré-históricas. Ciência difícil, mas indispensável. É bem certo que se pretendemos comparar duas indústrias, é necessário antes de mais conhecer inequivocamente os tipos de utensílios que se encontram em cada uma delas. Uma pessoa não se improvisa tipologista, nem tão pouco geógrafo ou etnógrafo. Muitas descrições de escavações excelentes tornaram-se quase inutilizáveis devido a um mau conhecimento da tipologia. E, como dois objectos morfologicamente idênticos podem ter sido fabricados por técnicas diferentes, convém conhecer também as técnicas de talhe. Fizeram-se neste campo pesquisas experimentais desde o início da Pré-história; nos últimos cinquenta anos podemos citar os nomes de Barnes, Noone, H. Warren em Inglaterra, Coutier, Bordes, Tixier em França, Don Cabtree na América, etc. O conhecimento das técnicas permite distinguir, num objecto, o que é accidental e o que é intencional. Infelizmente, muitos pré-historiadores ainda não compreendem esta necessidade» (2). Por seu turno, o citado tipologista Tixier escreve: «Quantas formas receberiam nova luz sendo

(1) S. A. Semenov, op. cit., p. 2.

(2) François Bordes, *Le Paléolithique dans le Monde*, pp. 22-24.

nós próprios a talhá-las ou a vê-las talhar!» (1). No entanto, o mesmo Tixier não deixa de advertir sobre o perigo da posição de Varagnac que, embora com áreas de utilidade, é por vezes demasiado entusiástica — «Temos de correr o risco de partir do fabrico dos utensílios para imaginarmos qual o seu uso, temos de tentar, em suma, ultrapassar a Pré-história «tipológica» para delinear-mos uma *Pré-história funcional*» (2) — considerando que «(...) a «Pré-história funcional» tem diante dela um vasto campo de pesquisas, tão vasto que corre o grande risco de aí se perder e de perder aqueles investigadores que se orientassem nesse sentido.» (3)

Na realidade, a tecnologia experimental, como os outros métodos indicados, tem as suas restrições, não pode servir como método independente, mas tem de ser visto em correlação com aqueles, e não pode, no caso referido do Paleolítico, esquecer os avisos cautelares dos tipologistas. É assim que, primeiramente, e em relação à pré-história em geral, para conhecermos a finalidade real de um utensílio, precisamos, em cada caso concreto, de um testemunho preciso (susceptível de ser fornecido pela análise dos traços de manufactura e uso), dado que, neste período, determinada forma de instrumento podia ser usada com fins diferentes, bem como formas diferentes podiam preencher uma mesma finalidade. Em segundo lugar, devemos ter presente que é muito difícil recompor num laboratório toda a complexidade de condições que integravam a realidade local em que o homem primitivo produziu e utilizou tais objectos. Por último, uma experiência precisa exige, nos diversos ensaios que implica, a substituição dos objectos reais por cópias e de rumos directos de acção por outros indirectos; a recreação dos processos de trabalho torna-se, deste modo, obviamente difícil. Assim, conclui Semenov, cuja teorização estamos seguindo: «A natureza de amadorismo das experiências e dúvidas acerca dos resultados

(1) Jacques Tixier, *Typologie de l'Épipaléolithique du Maghreb*, p. 164.

(2) André Varagnac, «O paleolítico inferior da Europa e da Ásia», in *O Homem antes da Escrita*, p. 75.

(3) J. Tixier, op. cit., p. 17.

são a razão pela qual a maioria dos arqueólogos deixa o seu trabalho por publicar. Conhecêmo-las somente por breves referências em publicações arqueológicas» (1). Todavia, os aspectos negativos apontados em nada diminuem a importância do método em causa, até porque, com o aperfeiçoamento deste, são susceptíveis de serem superados, pelo menos parcialmente. Trata-se de um método auxiliar, tendo por fim confirmar ou tornar mais precisas conclusões atingidas por outros caminhos, meramente pelo estudo microscópico dos traços de fabricação e uso, a que já nos referimos.

Nestas palavras de Svend Nielsen, um outro arqueólogo dinamarquês que igualmente nos prenderá a atenção adiante, encontramos explicitado o autêntico interesse que nos oferece o método da tecnologia experimental: «Pode parecer surpreendente que seja possível obter inferências arqueológicas e históricas a partir de experiências, e sem dúvida nem todos os problemas são susceptíveis de serem elucidados deste modo. É somente sobre materiais e objectos que as experiências podem ser feitas, e serão antropólogos e museólogos os que beneficiarão mais com tal trabalho. Mas para eles isso pode significar um aumento dos seus conhecimentos, compreensão mais profunda da função daqueles, novos incentivos de valor e, quando haja muitas experiências, um confronto útil de teorias e a consequente rejeição de falsas hipóteses e deduções inconvenientes». (2) E aqui damos de novo a palavra a Semenov: «A experimentação é importante (para além do ensaio das propriedades mecânicas de utensílios antigos) para se ter a experiência fisiológica de uma avaliação real da natureza da perícia técnica do homem pré-histórico, a sensação vívida da eficácia da forma de um utensílio de pedra, etc.

Verificar pela experiência é importante no estudo da eficiência no trabalho de instrumentos antigos. Experiências para ensaiar foices de sílex, machados neolíticos, arcos de flechas e *boomerangs* pertencentes a colecções etnográficas e arqueológicas, levadas a efeito na Checo-

(1) Op. cit., p. 2.

(2) Svend Nielsen, «Historical Archaeological Experimental Centre — a new Danish research institute», pp. 1 e 2.

eslováquia, Dinamarca, Brasil e outros países não são de modo algum desprovidas de valor. Devemos à experiência o ter sido possível num certo número de casos avaliar com um exemplo apropriado a eficiência de instrumentos acerca dos quais a informação era incorrecta, devido a uma descrição etnográfica imperfeita ou opinião parcial, casualmente dada por certos etnógrafos e arqueólogos» (1).

Do que fica dito sobre o método da tecnologia experimental, fácil é concluir que este se relaciona intimamente com a reconstituição arqueológica — especialmente a chamada «reconstituição tridimensional», segundo a expressão de Mortimer Wheeler (2) — tarefa que, como escreve o mesmo autor, «de certo modo é a coroação», a última etapa desta disciplina.

É lugar comum a afirmação de que as ciências chegaram na nossa época a um tal grau de especialização, que o *décalage* entre o sector da investigação, que continuamente nos traz novos métodos e conhecimentos, e o público, tenderia a acentuar-se cada vez mais se a mesma época não tivesse assistido a toda uma eclosão de novos processos de transmissão da informação. Por outro lado, é cada vez maior o intercâmbio entre os diversos ramos da actividade científica, e novas ciências surgem cobrindo cada uma alguns campos ou instalando-se nos seus interstícios em função de novos focos da necessidade explicativa do homem. Todo este panorama, sempre movente, coloca questões complexíssimas que não é nosso objectivo abordar de momento. Apenas desejamos lembrar que, para que uma cultura se mantenha viva, para que as ciências cumpram o seu papel, é necessário encontrarem ressonância junto do público. Portanto, no caso da história, por exemplo, não podemos mais admitir uma «história historicizante», como lhe chamou Henri Berr, uma história fechada sobre si mesma: o historiador existe para resolver questões que, nas suas linhas gerais, interessam a uma camada de público mais ou menos vasta. Investigação orientada e recorrendo a um diálogo

(1) Op. cit., p. 2.

(2) Mortimer Wheeler, *Arqueologia de Campo*, p. 251.

interdisciplinar, capaz de escorar, por outro lado, uma divulgação séria, é fundamental que se verifique também na arqueologia portuguesa, que ora particularmente nos importa. Os seus diversos domínios não possuem geralmente um programa de pesquisa e, assim, vemos acumularem-se as monografias, com frequência de perspectiva atomística, e perdemos de vista a síntese, as questões que temos de procurar resolver e em boa parte continuam insolúveis. Um significativo sintoma de tais circunstâncias é a inexistência de uma obra sobre a pré e proto-história do território português, escrita por um estudioso português e dirigida ao grande público, como se verifica noutros países. É aqui, como noutros aspectos desta disciplina, veio a obra de um estrangeiro, e aliás muito bem, ocupar o lugar do que nós não fizemos: referimo-nos à recente *Espanha e Portugal — a pré-história da Península Ibérica*, de H. N. Savory (1).

O que fica dito visa enquadrar problemáticamente a apresentação que ora faremos do *Historisk-Arkaologisk Forsøgscenter*, centro de pesquisa arqueológica e histórica no domínio da tecnologia experimental, existente perto de Lejre, na Zelândia, Dinamarca (2), que visitámos em Agosto de 1966.

Devendo-se à iniciativa dos arqueólogos Hans-Ole Hansen e Svend Nielsen, ambos já referidos, o Centro Experimental de História e Arqueologia foi fundado em 1964. Nessa altura, tinha por programa genérico a realização de experiências no âmbito de diferentes períodos históricos, e de forma imediata, em especial, a reconstrução de uma aldeia da Idade do Ferro de 12 a 15 habitações. Aberto a cientistas dinamarqueses e estrangeiros, o Centro pretendia preencher uma lacuna muito importante, relacionada, por um lado, com a pesquisa histórica e com a compreensão geral do passado, e, por outro, com a divulgação dos resultados obtidos junto do leigo. Dois aspectos, aliás, desde logo bem expressos em pala-

(1) Tradução portuguesa de José Morais Arnaud (com revisão técnica terminológica do Dr. F. Bandeira Ferreira) para a Editorial Verbo, Lisboa, 1969, Col. «História Mundi», 14.

(2) Endereço da instituição: Landbrugsafdelingen — Lejre — Danmark.

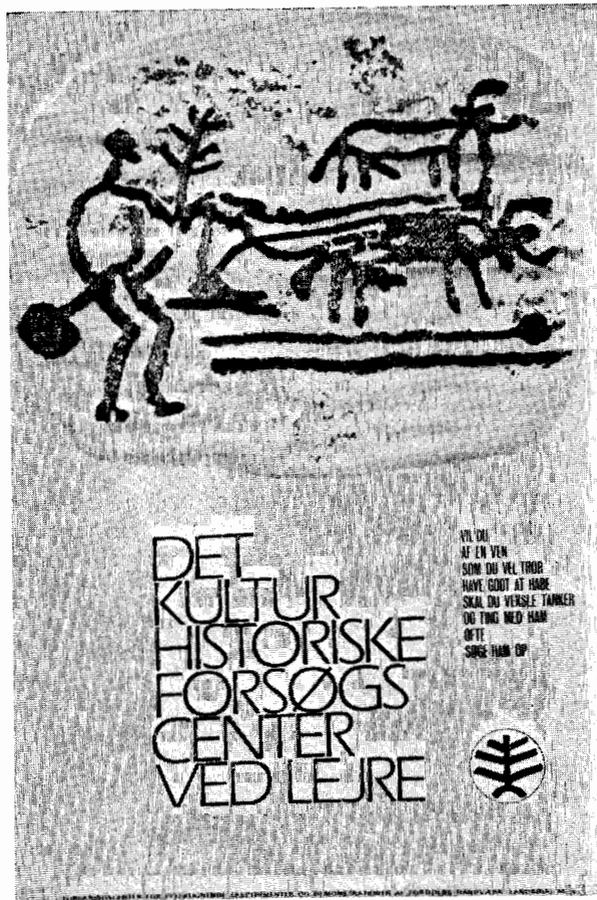


Fig. 1 — Um dos cartazes do Centro de Pesquisa de Lejre.

bras de Svend, Nielsen (1) como finalidades fundamentais do Centro de Lejre, hoje em curso de concretização. Realmente, a criação do Centro integra-se num movimento de modernização e popularização dos museus históricos deste país e pretende, pela reconstituição em grande escala, responder a uma necessidade que os próprios museus ao ar livre não tinham logrado satisfazer. De facto, a apresentação normal dos resultados de escavações, a recorrência a esboços e modelos, bem como às novas práticas da museologia — nada disso substitui a impressão de realidade que a reconstituição em grande escala permite.

Estamos assim em presença do primeiro centro de pesquisa no seu género não só na Dinamarca mas, crê-se, em todo o mundo (2).

Desde 1955 que Ole Hansen realizava ensaios de experiências arqueológicas, mais ou menos de carácter amador e a título pessoal. Juntos a partir de 1961, este e Svend Nielsen iniciaram a reconstituição de habitações da Idade da Pedra e do Ferro. Paralelamente foi efectuado um certo número de experiências, tais como a fabricação de cerâmica primitiva, lavra de campos com uma forma incipiente de arado, ceifa com foices de sílex, etc. À medida que estes trabalhos iam sendo realizados e a sua importância se tornava relevante, tomava forma a ideia de organizar em bases sólidas as experiências, concentrando-as numa instituição. Assim nasceu o Centro de Lejre.

A Dinamarca é aliás um país de já largas tradições no que se refere à utilização do processo experimental em arqueologia, e devemos ver a realização deste instituto como o *aboutissement* de todo um conjunto de experiências que, desde o século passado, ali se têm vindo a realizar. Destas, refira-se em primeiro lugar a que sob

(1) Vide Svend Nielsen, op. cit., p. 1.

(2) Conhecemos todavia o caso do *Folk Park* existente em Barmet, Grã-Bretanha, destruído durante a segunda guerra mundial. Aí, e com fins educativos, reconstituiu-se a evolução da vida social no território daquele país desde o Paleolítico ao séc. XX, nos aspectos da habitação, vestuário, utensílios, etc. Tudo indica, porém, ter tido uma função meramente ilustrativa.

a orientação de Johannes Iversens tem sido efectuada desde 1948 na Floresta de Draved, no sul da Jutlândia. Deixando a floresta entregue ao seu desenvolvimento natural, livre da intervenção humana, conseguiu-se recriar um sector de floresta virgem, onde foram abertas clareiras por meio do fogo e abatidas árvores com machados de pedra; ensaiou-se em seguida o cultivo de cereais primitivos, ceifa utilizando foices de pedra e criação de gado. Como fase final da experiência, deixou-se, posteriormente, que a floresta invadisse de novo os campos que haviam sido cultivados. Mencione-se, também, o trabalho de Anders Kraghs no fabrico de utensílios de pedra; ensaios de Voss e Thomsen de extracção e fundição do ferro; as investigações de Becker e os próprios trabalhos mencionados de Hansen e Nielsen em Lejre, anteriores à fundação do Centro experimental.

Revertendo agora a este, vejamos antes de mais os objectivos que presidiram à sua estruturação, os quais esquematizaremos em quatro pontos:

- 1.º — Investigação — efectivação de projectos de estudo e «experiências imitativas», a iniciar pelo Centro ou a pedido de museus ou cientistas;
- 2.º — Coordenação — montagem de arquivos e de uma biblioteca, contendo a maior quantidade de informação possível acerca de experiências anteriores e investigações semelhantes, bem como sobre as diferentes técnicas relacionadas com o trabalho humano (entendido no sentido estrito de trabalho corporal, capaz de produzir bens materiais) e outras de possível interesse em conexão com este;
- 3.º — Trabalho de consulta — resposta a inquéritos feitos por museus ou especialistas; efectivação de estudos menores sobre, por exemplo, o modo de utilização dos artefactos, e preparação de relatórios acerca de peças exibidas em museus e cujas funções e modo de uso são desconhecidos; assistência prática ou consultiva pela publicação de material educativo e, se possível, assistência técnica junto de programas educativos de rádio e televisão;

- 4.º — Actividade educativa — publicação dos resultados obtidos na pesquisa, em trabalhos científicos e de divulgação; presença do público durante a realização de experiências e em exposições; venda de folhetos, postais e cópias de artefactos, como vasos, por exemplo; demonstrações junto do público em moldes irrealizáveis pelos museus existentes.

Estas as directrizes fundamentais do Centro de Lejre; é sobre ele em concreto que ora nos debruçaremos, observando os principais aspectos que delas resultaram, ao longo dos três primeiros anos.

Encontra-se instalado numa área de vinte hectares que inclui zonas de campo agricultável, de floresta, um pântano e um pequeno lago, num terreno de colinas, compartimentação natural que permite o isolamento das diversas experiências simultâneamente em curso e referentes a períodos vários. Em antigas casas de campo restauradas procurou-se montar os escritórios, arquivos, biblioteca, sala de exposições, e acomodações para cientistas trabalhando temporariamente no Centro.

Este foi fundado, como vimos, em 1964, tendo-se passado esse Outono e o Inverno integralmente em preparativos; finalmente no Verão de 1965 o Centro pôde iniciar as suas actividades. Os ensaios realizados distribuíram-se por três secções distintas:

- 1) Construção de habitações;
- 2) artesanato antigo;
- 3) agricultura antiga.

A maior parte dos esforços dirigiram-se para a construção, sendo o seu objectivo preliminar, como já vimos, a reconstituição de uma aldeia da Idade do Ferro, a qual se ergueu parcialmente durante o Verão desse ano; neste trabalho participaram como voluntários sessenta estudantes de muitos países, entre eles Portugal. Foram ao todo postas de pé seis habitações, correspondentes a reconstituições de diferentes casas escavadas em diversas localidades. Paralelamente, foi iniciada a reconstituição de uma habitação do séc. XVIII, tarefa que não pôde ser concluída em 1965.

Quanto aos diversos ramos de artesanato em que a actividade do Centro se tem desenvolvido, deverão ser sublinhadas a manufactura de cerâmicas e a tecelagem. Graças aos conselhos e orientação de uma mulher do povo, um dos poucos genuínos fabricantes populares

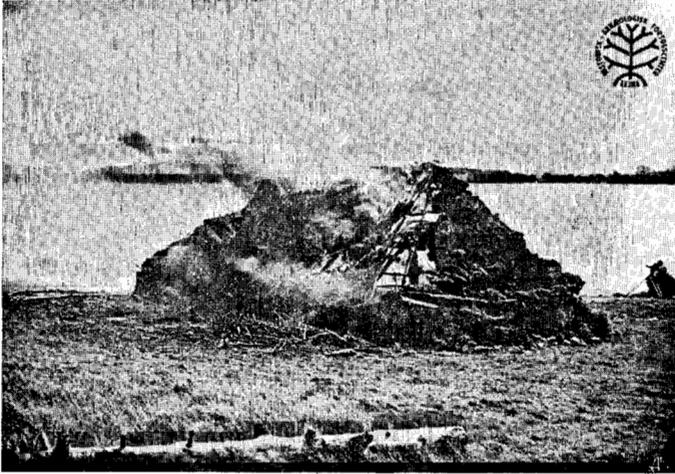


Fig. 2 — *Lejre: incêndio experimental de uma habitação da Idade do Ferro reconstituída.*

de cerâmica ainda vivos, conseguiu-se ensinar aos ceramistas do Centro a técnica de reprodução exacta dessa cerâmica. Foram ainda realizados ensaios em cerâmica da Idade do Ferro e, em escala mais limitada, da Idade da Pedra. Por seu turno, os tecelões têm experimentado vários tipos de telas, concentrando-se todavia no tipo de tela vertical, que se supõe ter sido mais vulgar na Idade do Ferro.

No que se refere à agricultura, foram-se preparando gradualmente campos de trigo diferentes, e cultivados da maneira que se pensa ter sido usual nos tempos proto-históricos. Os trabalhos do primeiro ano foram quase exclusivamente de natureza preparatória. Em alguns campos de ensaio semearam-se vários tipos de antigos cereais, e foram introduzidos no recinto bois, cabras e carneiros. O público acompanhou, sempre que possível,

os trabalhos, como a construção de habitações, corte e preparação da madeira, construção de fornos simples, cardagem de lã, fiação e tecelagem, e demonstrações da utilização de foices de pedra, ferro, bronze, e de gadanhas de vários tipos.

Em relação ao Verão de 1966, os planos comportavam, em linhas gerais, a continuação dos trabalhos em curso, a construção de mais duas casas da Idade do Ferro, acabamento interior das já então existentes, levantamento de duas habitações da Idade da Pedra (tarefa que estava sendo realizada quando visitámos o Centro), reconstituição de um forno primitivo de cerâmica, e uma série de experiências menores sobre fornos e preparação de alimentos. A acrescentar a tudo isto, pensava-se numa provável experiência de incêndio, que sacrificaria uma das habitações da Idade do Ferro.

Em carta de Outubro de 1966, dá conta Hans-Ole Hansen ao autor do presente estudo das três grandes linhas do programa para 1967:

- 1.º — Uma experiência de incêndio, com o fim de produzir artificialmente uma «estação» para investigações arqueológicas, susceptível de definir mais exactamente:
 - a) as possibilidades de obter maior número de informações a partir de escavações nas principais estações dinamarquesas da Idade do Ferro primitiva já estudadas, acerca da construção de casas e dos interiores das mesmas;
 - b) melhores técnicas de escavação dessas estações;
- 2.º — Uma série de experiências de lavra com cópias dos quatro maiores arados da Idade do Ferro primitiva dinamarquesa;
- 3.º — «Experiências imitativas» e técnicas de fabricação da chamada «cerâmica negra da Jutlândia».

Não querendo alongar demasiado o panorama genérico do que foi a vida deste instituto de pesquisa no seu período inicial, acrescentemos que o Centro de Lejre

publicou recentemente o primeiro de uma série de relatórios sobre experiências tecnológicas que a sua secção de investigação efectua, relativo à utilização de cópias de um arado pré-histórico (1); a sua importância justifica uma comunicação científica a apresentar em breve de colaboração com Eduardo da Cunha Serrão, na qual nos demoraremos na análise dos trabalhos realizados em Lejre nos últimos anos.

Este Centro é, como se tem verificado, um autêntico laboratório ao ar livre, mas não um museu. Esta a sua particularidade. Porque as habitações e os objectos reconstituídos continuarão a existir apenas enquanto fizerem parte dos trabalhos em curso, depois darão lugar a novas experiências; as casas agora existentes, por exemplo, servirão como cenário de outras experiências menores, até que sejam substituídas. Trata-se assim de um centro de estudo essencialmente vivo, em contínua transformação; que experiências terão lugar num futuro menos próximo, como se desenvolverá o Centro de ensaios, ninguém pode ainda prever; mas, como diz Svend Nielsen, «a instituição em si, é, na realidade, a experiência maior.» (2).

Acabamos de estar perante um exemplo que nos mostra bem, ao meditarmos no nosso caso, o caminho que ainda temos de percorrer na arqueologia portuguesa para atingir esse desenvolvimento metodológico, esse espírito de síntese, esse consequente apoio do público que verificámos. Mas a arqueologia existe para reconstituir os traços do passado humano, e não é monopólio de uma minoria, por muito «esclarecida». Só cumprindo essa sua missão a pré-história e a arqueologia poderão ser integradas no contexto da nossa cultura, só assim terão justificação e significado. É por isso que gostaríamos de deixar suspensa esta pergunta: quando teremos em Portugal um centro de trabalho semelhante ao *Historisk-Arkæologisk Forsøgscenter*? (3).

(1) «REL 1968: I.»

(2) Svend Nielsen, «Experiência», palavras finais.

(3) Os nossos agradecimentos aos Senhores D.^{as} Maria Filomena e Ebba Spalk, a quem devemos a tradução de *Ekspériment* para português, e à Direcção do Centro de Lejre pela cedência dos dois documentos gráficos utilizados.

Bibliografia consultada

- BORDES, FRANÇOIS, *Le Paléolithique dans le Monde*, Paris, Hachette. 1968, «L'Univers des Connaissances», 30.
- CHILDE, V. GORDON, *Introdução à Arqueologia*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1961, col. «Saber», 48.
- HANSEN, HANS-OLE, *Mand og Hus*, Copenhagen, ed. «Rhodos», 1964.
- idem, REL 1968: I. Reports from Experiments in Leyre 1968: I. Report of imitative ploughing experiments with copies of a prehistoric ard with passing through stilt (Doestrup-type) 1962-68, Historical-Archaeological Research Centre, Lejre, Denmark, 1969.
- JORGE, VÍTOR MANUEL DE OLIVEIRA, «A arqueologia no contexto da actual metodologia científica: uma perspectiva», comunicação apresentada às I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 3-7 de Novembro de 1969 (no prelo).
- idem, «Tipologia e tipologistas do Paleolítico», texto polycopiado pelo C. E. A. da Faculdade de Letras, Lisboa, 1970.
- NIELSEN, SVEND, «Experiência» («Eksperiment»), edição especial da Revista *Skalk*, 1966, n.º 3.
- idem, «Historical Archaeological Experimental Centre — a new Danish research institute», in *Danish Foreign Office Journal*, Junho de 1965.
- SEMENOV, S. A., *Prehistoric Technology — an Experimental Study of the oldest tools and artefacts from traces of manufacture and wear*, Londres, Cory, Adams and Mackay, 1964 (1.ª edição inglesa da obra publicada na U. R. S. S. em 1967).

TIXIER, JACQUES, *Typologie de l'Épipaléolithique du Maghreb*, Paris, Arts et Métiers Graphiques, 1963, Mémoires du C.R.A.P.E., II).

VARAGNAC, ANDRÉ, (direcção de), *O Homem Antes da Escrita*, Lisboa, Edições Cosmos, 1963.

WHEELER, MORTIMER, *Arqueología de campo*, Buenos Ayres, Fondo de Cultura Económica. 1961. «Sección de Obras de Antropología».